

ELAS EM MIM: Ausências, emergências e ancestralidade do corpo negro em cena

THEY IN ME: Absence, emergency and ancestry black body scene

Edna Conceição Pereira Santos¹

RESUMO

Esse estudo traz a anunciação da análise do corpo de três Yalorixás, na cena do cotidiano em três Terreiros de Candomblé. Emergiram das visitas e observações, leituras teóricas e conversas informais com as líderes religiosas duas categorias de análise: Corpo texto e anunciação, corpo memória e ancestralidade. Os gestos e ensinamentos das Yás foram a mola mestra para esse trabalho. Houve a cumplicidade das zeladoras: Augusta d'Oxum do Terreiro Ketu ILÊ AXÊ D'OMIM; Hozana de Yansã do Terreiro Angola ILÊ AXÊ OGUM YANSÂ e Jailza de Oxumarê do Terreiro Alaketú ILÊ AXÊ DE XAPANÂ, localizados em Trancoso distrito de Porto Seguro-BA.

Palavras-chave: Corpo. Feminino. Yalorixá. Candomblé. Cotidiano.

ABSTRACT

This study brings the announcement of the analysis of the body of three Yalorixás, in the daily scene in three Terreiros de Candomblé. From the visits and observations, theoretical readings, and informal conversations with the religious leaders emerged two categories of analysis: body text and annunciation, body memory and ancestry. Yas' gestures and teachings were the mainspring for this work. There was the complicity of the caretakers: Augusta d'Oxum from Terreiro Ketu ILÊ AXÊ D'OMIM; Teresa Yansã Hozana Angola ILÊ AXÊ OGUM YANSÂ and Tera Jailza de Oxumarê Alaketú ILÊ AXÊ DE XAPANÂ, located in Trancoso district of Porto Seguro-BA.

Keywords: Body. Female. Yalorixá. *Candomblé*. Everyday.

1. INTRODUÇÃO

VAMOS COMEÇAR O XIRÊ²

¹ Mestra em Estado e Sociedade – PPGES pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). e aluna da Especialização em Dramaturgias Expandidas do corpo e Saberes Populares. Professora da Rede Estadual de Ensino Público, Porto Seguro, Bahia, Brasil. E-mail: dinhaodaras@gmail.com.

² Brincar; no candomblé, ritual em que os filhos e filhas de santo cantam e dançam numa roda para todos os orixás. Zeladora Augusta D'Oxum, 2019.

Estudiosos como Le Breton e Marcel Mauss há muito problematizam sobre o corpo e como ele atua nos espaços sociais. Como o corpo ocidentalizado mantém relações com o mundo no processo constante de intersecção com os sujeitos sociais. É dentro dessa perspectiva que se pretende colaborar com a discussão acerca das práticas corporais em um dos espaços sociais do Sul da Bahia; o Terreiro de candomblé, tendo como sujeitos de pesquisa as Zeladoras do candomblé na cena cotidiana. Foram feitas observações em ocasiões distintas. Inicialmente aconteceram visitas em dias em que as casas não tiveram “função”³, momentos de escuta sobre a iniciação de cada Yá⁴.

Na sequência, houve a inserção no Terreiro ILÊ AXÊ D’OMIM, nos festejos do Olubajê⁵. Momento que marcou nosso olhar, paladar e olfato, porque foi na cozinha do Ilê, que emergiu a primeira cena. Outros dois momentos, de inserção e observação, foram a Festa de Iansã, no Terreiro da Yá Hozana, e a festa dos Erês na casa da Yá Jailza.

Os corpos em deslocamento durante esses três eventos anunciaram, que são neles, o lugar primeiro da aprendizagem. É no corpo e com ele, que habitamos os espaços sociais no cotidiano dos Terreiros e da vida. Ele é o lugar primeiro da existência, testemunha usual da palavra encarnada. É o texto que anuncia a nossa ancestralidade e corporalidade.

Os caminhos foram abertos, “Laroyê Exú Mojubá”⁶, e nessa direção, o estudo em questão tem como objetivo analisar os corpos das Yás no cotidiano de três casas do candomblé; uma Angola, zeladora Hozana de Iansã, outra Ketu, zeladora Augusta D’Oxum e a terceira Alaketú, Jailza D’Oxumarê. A pesquisa buscou nas observações e pressupostos teóricos, analisar os corpos das Yás que se comunicam e transcendem na totalidade dos elementos que os constituem, sob duas categorias emergentes: 1) corpo texto-anúnciação; 2) corpo memória e ancestralidade.

No intuito de compreender as epistemologias, que emergem dos estudos acerca do corpo, e obter uma base teórica sólida para a pesquisa em questão, pedimos licença para aquele que abre os caminhos, para só então, delinear o

³ Atos litúrgicos no candomblé.

⁴ Diminutivo do vocábulo Yalorixá- zeladora de santo.

⁵ Banquete oferecido ao Orixá Obaluaê, orixá da varíola, das pestes, das doenças contagiosas e também da cura. Raul, Pedigã da casa ILÊ AXÊ D’OMIM.

⁶ Saudação à Exú na nação Ketu.

quadro teórico a partir de autores como Zeca Ligiéro (2011), Le Breton (2007), José Guilherme Cantor Magnani (2009) e Jacques Derrida (1999), e assim analisar o corpo e a corporalidade das Yalorixás, seus significados e os modos de estar no mundo na cena do cotidiano dentro do universo do sagrado. É válido pontuar que durante a pesquisa de campo, aconteceram trocas que possibilitaram um diálogo franco e permeado de sensibilidades.

2. DA METODOLOGIA

Evoco a potência de Ogum para percorrer os caminhos dessa jornada a partir dos procedimentos metodológicos na labuta de fazer pesquisa.

No intuito de analisar a corporalidade e o corpo das Yás nas cenas do cotidiano na roça, optei pelo método Etnográfico. Este método abre caminhos para o diálogo e a discursividade, uma vez que, estar em campo, dialogando com os sujeitos de pesquisa exige compreender que os processos são inacabados e por isso são incapazes de produzirem discursos prontos para serem acessados de forma mecânica e utilitarista.

Dentro dessa perspectiva, a Etnografia, enquanto método de pesquisa, é uma maneira eficiente e sólida, porque favorece o trabalho de campo, “o pesquisador entra em contato com o universo dos sujeitos pesquisados” (MAGNANI, 2009, p.135).

E foi assim, com os pés descalço dentro do Terreiro, as sensações, aromas-desde o cheiro do café passado no quador de pano, à canjica cozida na panela de pressão para preparar e oferecer a Oxalá, a fervura do dendê para a comida de Xangô e lansã; até o suave caminhar da Yá Augusta D’Oxum, no vento que sacudia a saia generosamente rodada da Yá Hozana D’lansã, ou os movimentos sinuosos de Oxumarê incorporado na Yá Jailza, que a pesquisa foi tomando forma. Essas percepções foram apontando os caminhos a serem percorridos.

Devido a escolha de três espaços distintos, nações distintas, com suas especificidades e dinâmicas, que a observação participante aconteceu, foram

em situações e contextos diferentes. A primeira, realizada durante o Olubajê⁷, no Terreiro da Yá Augusta D'Oxum no mês de agosto 2019. A segunda, na casa da Yá Hozana D'lansã na festa dos Erês e a terceira, na casa da Yá Jailza, quando ela recebeu o Deká.⁸

Como técnica, utilizei a observação participante, entrevistas semiestruturadas, e claro, caí nas rodas de corpo e alma em todos os Xirês.

Os sujeitos sociais, carinhosamente escolhidas foram as zeladoras ou Yalorixás Augusta, Hozana e Jailza. Três mulheres que inspiram o nosso caminhar, representam a resistência e permanência dos corpos femininos dentro da religião de matriz Africana, o candomblé, em Trancoso, distrito de Porto Seguro-BA.

3. AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

“Pedrinha miudinha, pedrinha na aruanda ê”⁹.

O ir e vir das Yás na roça. As primeiras orações do dia, colher as ervas, as mãos que tocam o solo sagrado e o corpo desperta para a labuta do Terreiro

“Ô Andrinho... acorda Ogã¹⁰, cadê as ervas para pilar e fazer o amassê? Sai daqui... não mexe em minha panela que desanda” (Yá Augusta).

“Cadê o Ogã gente? Tá na hora de soltar os fogos e começar a tocar o candomblé”.

Yá Hozana ora sacode a saia num movimento abrupto, ora de forma suave. A gente até sente o vento bater no rosto com o balançar das saias dela.

Espera aí viu minha filha que estou estendendo a roupa aqui no varal. Porque é assim, a gente trabalha o dia todo e chega em casa e tem roupa pra lavar. Você pode ver, eu trabalho fora e aqui no Terreiro eu me desdobro em duas. Essas roupas de santo eu lavo tudo (Yá Jailza).

⁷ Festa que acontece no mês de agosto em homenagem a Omulú, Obaluaê, Xapanã - o banquete do rei - Orixá da cura.

⁸ O Deká é a formatura, quando já se cumpriu os sete.

⁹ Cantiga de domínio público.

¹⁰ Somente ele pode tocar os atabaques durante o Xirê, é ele que traz os Orixás para o Aiê e os devolve para Orum.

A yalorixá fala sobre sua labuta, enquanto seus braços levantavam e abaixavam fazendo movimentos para acomodar os lençóis.

As três Yás, jamais paravam de movimentar seus corpos na roça. Sempre concentradas e tomando conta de todas as atividades que precediam as festas ou os afazeres do dia a dia.

Na cozinha, mexendo o caldeirão e preparando as comidas para o santo, na arrumação do salão, corpos em movimento frenético. Tirando a panela do fogo, batendo a massa para o acarajé, ou de joelhos na hora da reza. O braço forte que segura o Adjá e mantém o ritmo para os Ogans, o corpo que dança e transcende no instante que incorpora.

4. CORPO TEXTO-ANUNCIAÇÃO

Esse corpo texto-anúnciação que, no pensamento ocidental, é dissociado de sua essência, ou seja, a ideologia do colonizador anuncia o deslocamento do corpo e dá a esse corpo cósmico e transcendental vivido e construído na religião de matriz africana, imerso na cultura ancestral, uma existência dual. O corpo na concepção ocidental está dissociado do cosmo, da espiritualidade, é, portanto, um corpo preso ao desenvolvimento mecânico separado entre corpo e espírito.

No entanto, Le Breton (2007), afirma que o corpo não pode ser dissociado “da persona”, porque ele é socialmente construído e dentro desse processo complexo, essa construção pode dá-se tanto nas ações da cena coletiva, quanto da maneira que ele funciona nas relações da pessoa que o encarna, porque:

O corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis de anatomia e da fisiologia. É em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superfície de projeção possível de unir as mais variadas formas culturais (LE BRETON, 2007, p. 29).

Assim, nos corpos das Yás, temos a representação do corpo não ocidentalizado, porque eles trazem consigo as marcas simbólicas e constitutivas da insubordinação. Corpos imersos na tradição da religião de matriz africana, o candomblé. Corpos- textos que anunciam o sagrado.

Nessa concepção, os corpos das Yás, seja no momento do transe durante o Xirê ou na labuta dos afazeres da roça, promovem a quebra e descontinuidade

do pensamento do colonizador. São corpos que resistem e se negam a dualidade corpo-mente imposta pela ideologia colonial. Ao contrário, esses corpos apresentam suas corporalidades construídas e atravessadas pelas intersecções, vivências e cosmologias das tradições dos Terreiros de Candomblé.

Esses corpos textos- anúncio estão no mundo de maneira encarnada e abertos para serem lidos e interpretados, são corpos que trazem metáforas implícitas no caminhar, na amarração do torço e do pano da costa- porque as amarrações são feitas de maneira diferentes de acordo ao tempo de feitura- por exemplo. O Adjá¹¹ não pode estar nas mãos de iniciados ou de abiãs. O sentido anti-horário da roda- simbolizando o retorno aos antepassados. As posições das mãos na cintura ou no coração. Os atos de saudação a cada orixá ou no ato de pedir agó¹².

Os corpos, dentro do Terreiro, anunciam também os ventos de lansã, que limpam e afastam o mal. O gesto dos braços subindo e descendo, ou jogados de um lado para outro girando e fazendo tremer o salão na dança da Yá Hozana. A linguagem metafórica dos movimentos sinuosos de Oxumarê quando vem no “Ayê”¹³ incorporado na Yá Jailza; ou no pisar suave, delicado e majestoso na dança de Oxum executada por Augusta D’Oxum.

Foi durante essa comunicação das distintas nações que evoquei o pensamento de Zeca Ligiéro (2011), o autor afirma que o corpo é uma literatura viva, pronta para ser acessada. E como tal, não cabe mais utilizarmos o conceito de matriz cultural e sim lançar o olhar atento para o conceito de motrizes culturais. Nesse momento ele nos convida a compreender as distintas dinâmicas que atravessam as semelhanças das manifestações ancestrais africanas, bem como, as intersecções dos diferentes elementos que compõem as cenas.

O autor define motrizes como força que produz movimento. Essa movimentação dos corpos das Yás que asseguram a corporalidade do devir, da anúncio. Força essa, ora trazida pelas águas de Oxum, ora pela intensidade dos ventos e das tempestades; ou na dissimulação e sensualidade de Oxumarê. Os corpo das Yás são corpos que anunciam as motrizes culturais distintas com “elementos performativos” que mantêm semelhanças mesmo sendo de nações

¹¹ Um instrumento metálico, como uma campainha usado nos rituais do candomblé.

¹² Pedir agó é quando pedimos desculpa, perdão por um ato errado e também pedindo licença.

¹³ Terra.

diferentes. Trazem para a cena do cotidiano corpos texto-anúnciação repleto de metáforas. Porque:

A metáfora deve, pois, ser entendida como um processo da ideia ou do sentido... a ideia é o sentido significado, o que a palavra exprime. Mas é também, um signo da coisa, uma representação do objeto no meu espírito (DERRIDA, 1999, p. x).

Para o autor, a linguagem é a própria metáfora e dentro dessa perspectiva o corpo texto-anúnciação, é a própria linguagem. A linguagem metafórica que se expressa na cozinha, durante o ato de preparar as “comidas de santo”, lavando as roupas, braços que se levantam, pernas e pés que riscam o chão dos Terreiros, o corpo em transe durante o Xirê.

“Ô minha filha quando eu entro em transe, é como se fosse um sonho”
(Yá Augusta D’Oxum).

No início do transe acontece comigo uma energia que muitas vezes eu me sinto crescendo, vendo as pessoas menores, a força com que a energia vem. E ... outras vezes parece que é um vulcão por dentro entrando em erupção. Outras vezes parece que simplesmente meu corpo vai explodir. Eu apago por completo (Yá Jailza D’Oxumarê).

Esses corpos desvelam a potência da corporalidade no instante do Xirê. São também esses corpos que corrompem a lógica do pensamento ocidental cartesiano, que separa corpo do espírito, numa dualidade infundada. Os corpos das Yás com os saberes ancestrais encarnados resistem.

5. CORPO MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE

O cotidiano dentro da “roça” é embebecido pelas memórias dos ancestrais. Os preceitos, a maneira de caminhar, a roupa branca e o pano da costa, o torço da cabeça. Tudo está voltado para respeitar e louvar o sagrado.

Nesse percurso, falar da memória ancestral, é recorrer também às motrizes culturais africanas, é pertinente compreender que a força que move as práticas ritualísticas dentro do Candomblé encarnada nos corpos das Yás, é a

força proveniente de processos complexos de assimilação e culto de diferentes nações oriundas da África.

Segundo Zeca Ligiéro (2011), as motrizes culturais em solo brasileiro são intersecções entre diferentes etnias. Essa complexidade dos processos inter-étnicos foram vivenciadas durante o trabalho de campo ao observar e analisar as Yás e suas nações. O toque e as danças na Angola são diferentes do Ketu, e na nação Alaketú coexistem dinâmicas da Angola e do Ketu. Mesmo com suas especificidades de toques e danças, nas três nações existe a presença da laô – esposa jovem, filha ou filho de santo, recém iniciadxs que entram em transe. A roda no sentido anti-horário e os corpos que dançam ao som dos tambores sagrados que evocam os orixás através do toque e canto dos Ogãs, também, são símbolos presente nas três nações; outra particularidade é a prática das marcas corporais (escarificações), tatuagens feitas nos corpos dos iniciados. Nas três nações os iniciados tem as marcas das “curas”.

É dessa forma que a memória ancestral, também, faz-se presente nos corpos das Yás. A ancestralidade encarnada na pele, no suor, no cheiro, no caminhar, no mover dos braços ou riscar o chão quando dança para e com o orixá.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: PEÇO AGÔ, MAS NÃO VAMOS FECHAR O XIRÊ

Esse estudo encontra-se em processo de construção, ele é um fragmento do meu TCC que será apresentado em maio de 2020 no curso de especialização em Dramaturgias Expandidas do Corpo e Saberes Populares. Mas isso não impede que seja possível anunciar que a corporalidade é parte constitutiva do corpo vivido e construído no Terreiro através da linguagem metafórica e simbólica dos corpos em movimento. Em que a corporalidade encontra-se inacabada e a todo instante nos oferece um corpo texto-anúnciação, desaguando no corpo memória e ancestralidade no momento que recruta os saberes ancestrais e o encantado. Os corpos das Yás são o devir, a resistência e a potência que mantem os Terreiros vivos e atuantes.

REFERÊNCIAS

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Corpo construído, corpo desejante e corpo vivido: considerações contemporâneas sobre a noção de corpo na psicanálise e na filosofia de Merleau-Ponty. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, v. 5, n. 2, p. 401-411, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LIGIÉRO, Zeca. Conceito de “Motrizes Culturais” aplicada às práticas performativas afro-brasileiras. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 8, n. 16, p. 129-144, jul./dez. 2011. Disponível: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/695/433>. Acesso: 29 out. 2020.

MAGNANI, José Guilherme C. Etnografia como prática e experiência. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009. Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>. Acesso: 29 de out. 2020.